

AUGUSTO DOS ANJOS: SURREALISTA?*

Luís Augusto Fischer

RESUMO: Il s'agit d'une brève analyse d'aspects qui tendent à être surréalistes dans l'œuvre d'Augusto dos Anjos. L'article s'occupe moins du fait qu'il fut (involontairement) précurseur du surréalisme que du caractère exceptionnel de son œuvre qui apparut en marge du système et des valeurs littéraires en vogue à son époque. Né dans l'État de Paraíba (Nordeste), Augusto dos Anjos tenta la fortune littéraire à Rio de Janeiro, alors capitale, en pleine Belle Époque. Le Parnasse brésilien, on ne peut plus conformiste, tenant alors le haut du pavé, le public n'était guère disposé à écouter et à apprécier ses poèmes (en général des sonnets) qui sont gros d'une tension provoquée par le conflit ouvert entre d'une part leur forme néoclassique et rationaliste, d'autre part leur scepticisme, leur ironie corrosive, voire leur nihilisme. Enfin, l'article souligne le tribut qu'Augusto dos Anjos dut payer pour l'audace — délibérée ou non, peu importe — dont il fit preuve des années avant que Freud fût enfin accepté ou même avant que les principes du surréalisme fussent formulés.**

PALAVRAS-CHAVE: Anjos (Augusto dos), simbolismo, parnasianismo, literatura brasileira.

Autores de obra estranha ao padrão médio de suas respectivas épocas, Qorpo-Santo e Augusto dos Anjos podem ganhar em qualidade de leitura se vistos sob a lente do surrealismo. A partir, obviamente, de um conceito mais ou menos largo de surrealismo, que revela em especial a capacidade demonstrada pela literatura de tais autores em provocar estranhamentos radicais em relação às convenções artísticas de corte mimético.

O que segue é uma reflexão nesse sentido a respeito de Augusto dos Anjos, o genial poeta paraibano cujo enquadramento na história da literatura

* Extrato de um artigo inédito intitulado "Qorpo-Santo e Augusto dos Anjos, precursores do surrealismo?" que será publicado em sua integridade em PONGE, R. (org.). *O Brasil e o surrealismo*. Porto Alegre, Editora da UFRGS, no prelo.

Luís Augusto Fischer é professor no Instituto de Letras da UFRGS

** O resumo foi traduzido do português por Robert Ponge.

brasileira foi e continua sendo nada pacífico, mas cuja obra exhibe desde sempre qualidade indiscutível... e talvez surrealista.

Se a obra de Qorpo-Santo foi esquecida, sepultada, a de Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos (por sinal, um nome alexandrino, como o de Bilac) conheceu consagração. Não enquanto viveu, mas logo após, de 1922 em diante, por artes do destino e não por obra de qualquer divulgação sistemática¹. Professor como Qorpo-Santo, e provinciano como ele, Augusto recebeu atenção maior da crítica do que o gaúcho; quando da edição de seu *Eu*, em 1912, foi notado largamente, tendo causado estranheza aqueles versos crivados de esquisitices de aspecto cientificista e tom decadente.

Sua trajetória de vida foi sofrida, embora não tenha chegado a experimentar o cúmulo, a interdição; mesmo assim, sua obra não encontrou um lugar claro no panorama restritivo de seu tempo: não foi consagrado como parnasiano (Bilac desdenhou sua obra²), porque de fato jamais teve sequer a pretensão da impassibilidade em que faziam fé os parnasianos, nem foi lido imediatamente como simbolista, sobretudo em função do vocabulário, arrancado do limbo acadêmico e jogado à devoração do público semi-culto que com ele se embasbacava.

"Simbolista tardio", "decadentista", ou, como quer José P. Paes, "artenovista"³, não importa, Augusto alcançou um formato expressivo que lhe confere luz própria. Se resumirmos a observação, encontraremos para sua obra um quadro de referências marcado pela forma parnasiana (o soneto de feição fortemente racionalista resolvido em chave-de-ouro), pela linguagem naturalista exacerbada (e temperada também pelo ponto de vista do determinismo ditado pelas ciências à época) e igualmente pela atitude filosófica dubitativa e algo mística dos simbolistas. Tudo isso num momento em que a literatura do país experimentou uma diversidade até hoje indecifráda, na qual se evidenciam tipos ousados, como Lima Barreto, Euclides, Graça Aranha (não pelos mesmos motivos, nem no mesmo grau de ousadia) e outros, e se perpetuam, consolidando procedimentos já experimentados, parnasianos, ufanistas românticos, simbolistas e outros.

Não se trata, por certo, de querer eliminar a polêmica com um golpe de pena, que passe a considerar a excelente poesia de Augusto dos Anjos dentro de qualquer camisa-de-força nova, por mais vistosa que seja; nem a surrealista. Mas aquelas possibilidades críticas atrás apontadas, nomeadamente aquela "vertigem" alcançável pelo modo surrealista, podem talvez clarear a reflexão.

¹ Assim afirma Andrade MURICY. *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. 3. ed. São Paulo, Perspectiva, 1987, p. 870. v. 2

² Conforme história lembrada por Otto Maria Carpeaux, na "Apresentação" de ANJOS, Augusto dos. *Toda a Poesia*. Estudo crítico por Ferreira Gullar. 2. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978. Para a poesia de Augusto, v. também REIS, Zenir Campos. *Augusto dos Anjos: Poesia e prosa*. São Paulo, Ática, 1977.

³ V. PAES, José Paulo. *Gregos e baianos*. São Paulo, Brasiliense, 1985, p. 64-194.

Por exemplo, ao ler uma poética do *Eu*, logo no poema de abertura, o "Monólogo de uma Sombra", de que transcrevemos algumas estrofes:

Sou uma Sombra! Venho de outras eras,
Do cosmopolitismo das moneras...
Polipo de recônditas reentrâncias,
Larva de caos telúrico, procedo
Da escuridão do cósmico segredo,
Da substância de todas as substâncias!

As enumerações se sucedem:

Será calor, causa ubíqua de gozo,
Raio X, magnetismo misterioso,
Quimiotaxia, ondulação aérea,
Fonte de repulsões e de prazeres,
Sonoridade potencial dos seres,
Estrangulada centro da matéria!

E o que ele foi: clavículas, abdômen,
O coração, a boca, em síntese, o Homem,
— Engrenagem de vísceras vulgares —
Os dedos carregados de peçonha,
Tudo coube na lógica medonha
Dos apodrecimentos musculares!

Tanta ousadia teve Qorpo-Santo ao incorporar a um poema a figura algo inusitada da fotografia quanto Augusto ao incorporar aí essa diabólica invenção, o raio-X, novidade de 1895 que já em 1912 está impressa no longínquo país chamado Brasil, imersa num poema anti-ufanista. Quase ao fim, em definição de tipo realista, a Sombra vê a transfiguração estética que o homem produz:

Somente a Arte, esculpindo a humana mágoa,
Abranda as rochas rígidas, torna água
Todo o fogo telúrico profundo
E reduz, sem que, entanto, a desintegre,
À condição de uma planície alegre,
A aspereza orográfica do mundo!

No soneto "O Morcego", de desfecho banal (ao modo de Alberto de Oliveira) — "Consciência Humana é este morcego" —, a descrição inicial mistura realismo com doses de insuspeitado terror:

Meia-noite. Ao meu quarto me recolho.
Meu Deus! e este morcego! E, agora, vede:
Na bruta ardência orgânica da sede,
Morde-me a goela ígneo e escaldante molho.

"Vou mandar levantar outra parede..."

— Digo. Ergo-me a tremer. Fecho o ferrolho
E olho o teto. E vejo-o ainda, igual a um olho,
Circularmente sobre a minha rede!

Que parede separará esse algoz de sua vítima, eis que ele está dentro dela? É nesse tom que anda a melodia algo satânica de “Idealização da Humanidade Futura”:

Rugia nos meus centros cerebrais
A multidão dos séculos futuros
— Homens que a herança de ímpetos impuros
Tornara etnicamente irracionais!

Não sei que livro, em letras garrafais,
Meus olhos liam! No húmus dos monturos,
Realizavam-se os partos mais obscuros,
Dentre as genealogias animais!

Como quem esmigalha protozoários
Meti todos os dedos mercenários
Na consciência daquela multidão...

E, em vez de achar a luz que os Céus inflama,
Somente achei moléculas de lama
E a mosca alegre da putrefação!

Nesse racionalismo anti-triunfalista de linguagem erudita há lugar para uma imagem desconcertante, no primeiro terceto, e salvo por certos cuidados formais notoriamente parnasianos — aquele “como” e mais uma vez a chave-de-ouro —, essa idealização é vertiginosa, exatamente como no conhecido “As Cismas do Destino”, que conduz o personagem vivo ao necrotério dramaticamente, pausada e lugubrememente:

Recife. Ponte Buarque de Macedo.
Eu, indo em direção à casa do Agra,
Assombrado com a minha sombra magra,
Pensava no Destino, e tinha medo!

Não é o sexo a matéria-prima do poema e do poeta, mas a vida, que espreita o personagem desde lugares estranhos:

Ninguém, de certo, estava ali, a espiar-me,
Mas um lampião lembrava ante meu rosto
Um sugestionador olho, ali posto,
De propósito, para hipnotizar-me!

Em tudo, então, meus olhos distinguiram,
Da miniatura singular de uma aspa,
À anatomia mínima da caspa,
Embriões de mundos que não progrediram!

[...]

A alma dos animais! Pego-a, distingo-a,
Acho-a nesse interior duelo secreto
Entre a ânsia de um vocábulo completo
E uma expressão que não chegou à língua!

Desse duelo inimaginável resulta uma espécie de anarquismo natural, compreensivelmente incompreendido na época, eco distante do iconoclasta Qorpo-Santo:

O Estado, a Associação, os Municípios
Eram mortos. De todo aquele mundo
Restava um mecanismo moribundo
E uma teleologia sem princípios.

Eu queria correr, ir para o inferno,
Para que, da psiquê no oculto jogo,
Morressem sufocadas pelo fogo
Todas as impressões do mundo externo!

Mas a Terra negava-me o equilíbrio...
Na Natureza, uma mulher de luto
Cantava, espionando as árvores sem fruto,
A canção prostituta do ludíbrio!

De certa forma, é este desejado mas denegado equilíbrio — apagar com fogo as impressões do mundo, para alcançar um nirvanesco inferno — a grande aspiração da lira de Augusto, como do estro de Qorpo-Santo. Um desejo perfeitamente irrealizável, porque o esforço por designar tantos desvãos da alma humana, como o que fizeram os dois, torna irrecuperável o estado de mediania perdido sabe-se lá em que era da história da consciência poética. (Um belo exemplo brasileiro está em “Ahasverus e o Gênio”, no qual Castro Alves sintetiza tal impossibilidade ao observar que o “gênio”, o poeta, é “um invejado a invejar os invejosos”). Não há ingenuidade alguma restante; em “Os Doentes”, longa e bela construção, Augusto ensaia alguns passos do bailado formal, que foi sempre sua limitação e dialeticamente a salvação de seu hiper-racionalismo, num poema-delírio sobre a cidade:

Como uma cascavel que se enroscava
A cidade dos lázaros dormia...
Somente, na metrópole vazia,
Minha cabeça autônoma pensava!

[...]

Pensava! E em que eu pensava, não perguntes!
Mas, em cima de um túmulo, um cachorro
Pedia para mim água e socorro
À comisseração dos transeuntes!

Bruto, de errante rio, alto e horrído, o urro
Reboava. Além jazia aos pés da serra,
Criando as superstições de minha terra,
A queixada específica de um burro!

Gordo adubo da agreste urtiga brava,

Benigna água, magnânima e magnífica,
Em cuja álgida unção, branda e beatífica,
A Paraíba indígena se lava!

Estrofes adiante, após esse verdadeiro festival de assonâncias e aliteraões, o poema revisita o indianismo, para rever a história pelo avesso, coisa talvez só possível para uma “cabeça autônoma”:

E o índio, por fim, adstrito à étnica escória,
Recebeu, tendo o horror no rosto impresso,
Esse achincalhamento do progresso
Que o anulava na crítica da História!

É justo esta “crítica da História”, esta “crônica do mundo”, que ao negar registro a dados incômodos — as vertigens — põe à margem o esforço inaudito de quem tenta organizar, com palavras e nas palavras, sua compreensão de um mundo irracionalizável. Augusto chegou ao máximo, ao impensável, na passagem seguinte, que incorpora um signo do discurso argumentativo (o “por exemplo”) em pleno miolo do verso, despidoradamente:

Como que havia na ânsia de conforto
De cada ser, ex: o homem e o ofídio,
Uma necessidade de suicídio
E um desejo incoercível de ser morto!

Quase ao fim, uma declaração de fé na poesia, que transcenderá a cidade:

Contra a Arte, oh! Morte, em vão teu ódio exerces!
Mas, a meu ver, os sáxeos prédios tortos
Tinham aspectos de edifícios mortos
Decompondo-se desde os alicerces!

Algumas estrofes de “Gemidos de Arte” auxiliam a compreender as motivações de Augusto na identificação dessas impossibilidades e desses paradoxos, como esta:

Os pães — filhos ilegítimos dos trigos —
Nutrem a geração do Ódio e da Guerra...
Os cachorros anônimos da terra
São talvez os meus únicos amigos!

A voz do poema vaga pelo mundo das coisas, observando tudo e transitando do macro ao micro em ritmo alucinado (e no entanto contido na segurança do metro e da rima):

Os ventos vagabundos batem, bolem
Nas árvores. O ar cheira. A terra cheira...
E a alma dos vegetais rebenta inteira
De todos os corpúsculos do pólen.

A câmara nupcial de cada ovário
Se abre. No chão coleia a lagartixa.
Por toda a parte a seiva bruta esguicha
Num extravasamento involuntário.

E arrebenta em autocompaixão:

Sol brasileiro! Queima-me os destroços!

Quero assistir, aqui, sem pai que me ame,
De pé, à luz da consciência infame,
À carbonização dos próprios ossos!

Talvez o mais alto exemplo de surrealismo, sufocantemente contornado pela fronteira do soneto, esteja em “Vandalismo”, em que ao sonho nascido do coração sucede a autodestruição:

Meu coração tem catedrais imensas,
Templos de priscas e longínquas datas,
Onde um nune de amor, em serenatas,
Canta a aleluia virginal das crenças.

Na ogiva fúlgida e nas colunatas
Vertem lustrais irradiações intensas,
Cintilações de lâmpadas suspensas,
E as ametistas e os florões e as pratas.

Como os velhos Templários medievais
Entrei um dia nessas catedrais
E nesses templos claros e risonhos...

E erguendo os gládios e brandindo as hastas,
No desespero dos iconoclastas
Quebrei a Imagem dos meus próprios sonhos!

Para fixar uma imagem, não por acaso a dos olhos, recorrente em Augusto, observemos a autofagia explícita do “Solilóquio de um Visionário”:

Para desvirginar o labirinto
Do velho e metafísico Mistério,
Comi meus olhos crus no cemitério,
Numa antropofagia de faminto!

É infrutífera esta tentativa de entender o ininteligível, como constata o próprio soneto, em seu final:

Subi talvez às máximas alturas,
Mas, se hoje volto assim, com a alma às escuras,
É necessário que inda eu suba mais!

Do solilóquio desse visionário chegamos a “O Martírio do Artista”, expressão da própria inviabilidade, que se contradiz estruturalmente: o soneto se esforça, se constrói, cumpre as exigências, e, no entanto, o Artista não consegue articular uma palavra:

Arte ingrata! E conquanto, em desalento,
A órbita elipsoidal dos olhos lhe arda,
Busca exteriorizar o pensamento
Que em suas fronetais células guarda!

Tarda-lhe a Idéia! A inspiração lhe tarda!
E ei-lo a tremer, rasga o papel, violento,
Como o soldado que rasgou a farda
No desespero do último momento!

Tenta chorar e os olhos sente enxutos!...
É como o parafítico que à mÍngua
Da prÓpria voz e na que ardente o lavra

Febre de em vo falar, com os dedos brutos
Para falar, puxa e repuxa a lÍngua,
E não lhe vem à boca uma palavra!

Enfim o visionário-artista se transforma em "O Poeta do Hediondo", numa autodefinição de grande crueldade:

Sofro aceleradÍssimas pancadas
No coração. Ataca-me a existência
A mortificadora coalescência
Das desgraças humanas congregadas!

Em alucinatÓrias cavalgadas,
Eu sinto, então, sondando-me a consciência
A ultra-inquisitorial clarividência
De todas as neuronas acordadas!

Quanto me dÓi no cérebro esta sonda!
Ah! Certamente eu sou a mais hedionda
Generalização do Desconforto...

Eu sou aquele que ficou sozinho
Cantando sobre os ossos do caminho
A poesia de tudo quanto  morto!

O último obstáculo fica apenas arranhado: a "ultra-inquisitorial clarividência de todas as neuronas acordadas" paralisa o poeta, no limite final de suas forças estticas. Tendo ultrapassado as barreiras habituais da poesia servil a temas e a atitudes paradigmáticos (e provindos da Europa), Augusto dos Anjos resguardou no entanto a frma; da luz produzida por tal atrito vêm os arrepios que provoca nos olhos educados na tradição bem-comportada de todos os realismos.

Os poemas de Augusto dos Anjos transbordam de pavor pela degradação da vida, mas a forma contida, aliada ao discurso cientificista e emoldurada pelo soneto, como que atenua a gravidade da situação. Ocorre que, vista a cena mais de perto, resulta de sua poesia uma verdadeira implosão daquele discurso, de fundo marcadamente realista e de intenção triunfalista, ambos desmentidos, estraalhados debaixo do véu formal. Um pouco  maneira de Borges, Augusto retira toda a alma de dentro do procedimento aparentemente neutro — a enumeração, o soneto.

Em um de vários momentos felizes, Gluber Rocha (um surrealista?) comenta Buuel dizendo que a linguagem cinematográfica do espanhol "sempre violenta uma condição da ordem, aquilo que o espectador aceita como normal: o poder do Estado, o temor de Deus através dos dogmas catÓlicos, a consciência em crise ou a necessidade de ser piedoso para estar

em paz consigo mesmo e com seus semelhantes; as fugas, as sublimações, a passividade, o culto silencioso das frustrações"⁴. Em Augusto dos Anjos não houve lugar para outra coisa: sem piedade, ele cultuou aos berros as frustrações de todos nós.

⁴ "Nosso Senhor Buuel", Revista *Senhor*, junho-julho de 1963, p. 63.